Sobre a Brevidade da Vida

A maioria dos mortais, Paulino, queixa-se da maldade da natureza. Isto porque nascemos para uma vida breve e porque essa pequena duração de tempo que nos foi oferecida passa por nós tão rápida e suavemente que, com algumas exceções, a vida termina mesmo quando estamos praticamente a postos para a enfrentar. Não são só o homem da rua e as massas agitadas que lamentam — a seu ver — esta maldição universal: de igual sentimento padecem também os mais notáveis dos homens. Daí o dito do mais importante médico: *Breve é a vida, longa é arte.* Daí também o agravo, mais severo ainda para um sábio, que Aristóteles expôs enquanto repreendia a natureza por brindar alguns animais com existências de tal maneira longas que estes pudessem viver cinco ou dez vezes mais do que qualquer ser humano. Enquanto isso, um limite muito mais curto é imposto aos homens que nascem com grandes e prometedores destinos pela frente. Não é que tenhamos pouco tempo para viver, a verdade é que dele desperdiçamos muito. A vida é longa que baste, e foi-nos dada uma quantidade generosa para que possamos realizar todas as nossas conquistas, caso todo este tempo seja devidamente investido. Mas quando desperdiçamos o tempo em ostentações imprudentes e em atividades descuidadas,

somos forçados, por fim, a perceber, perante o horizonte da nossa morte, que ele nos fugiu sem que nos déssemos conta de que se estava a esgotar. Assim é: não nos é dada uma vida curta, nós fazemo-la curta. Não estamos mal abastecidos, lançamo--nos é ao desperdício. Como quando uma fortuna principesca cai nas mãos de um mau senhor e é esbanjada num instante. Mas se uma fortuna, modesta que seja, for entregue a um bom guardião, ela aumenta à medida que é usada. Portanto, o nosso tempo de vida torna-se amplo quando cuidado de forma devida.

Porque é que nos queixamos da natureza? Ela tem agido de forma gentil: a vida é longa se for bem aproveitada. Mas, por um lado, há gente cativa de uma ganância insaciável, outros, de uma penosa dedicação a tarefas inúteis. Uns encharcam--se em vinho, enquanto outros se tornam lentos e ociosos. Existem aqueles que se deixam devorar pela ambição política, a qual acaba sempre por estar na mão do juízo alheio. Ainda outros, na esperança do lucro, são conduzidos tanto por terra quanto por mar pela ganância dos negócios. Alguns são atormentados pela paixão que nutrem pela guerra, sempre dispostos a infligir dano a outros ou preocupados com o dano que lhes possa ser infligido. Há quem se perca na autoimposta servidão ante a presença ingrata dos poderosos. Muitos se ocupam a perseguir a fortuna alheia ou a lamentar a sua própria. Alguns não têm um objetivo concreto, mas sempre sacudidos pela instabilidade da vida, nunca satisfeitos consigo mesmos. Outros não conseguem arranjar qualquer propósito ao longo da vida, a morte leva-os, desapercebidos, enquanto bocejam languidamente — tanto que não consigo duvidar da observação oracular do maior dos poetas: *Pequena é a parte da vida que vivemos.* De facto, tudo o resto não é viver, mas meramente o passar do tempo. Os ví-

cios rodeiam e atacam o humano por todos os lados, não deixando que se erga e encare a verdade. Pelo contrário, sobrecarregam-no e prendem-no aos seus desejos. Desta forma, não é possível recuperar o verdadeiro «eu». Se por acaso se atingir qualquer tipo de tranquilidade, faz-se sentir uma agitação pelo fundo do mar mesmo depois do fim da tempestade, e assim se continua o tormento pelos desejos. Pensam que falo apenas daqueles cuja maldade é reconhecida por todos? Observem aqueles cuja boa fortuna leva as pessoas à admiração: eles sufocam na própria sorte. Quantos sentem que a riqueza é um fardo! Quantos se esvaem em sangue no meio de tanta eloquência e de tanto esforço para demonstrar talento! Quantos acabam pálidos de prazer constante! Quantos são aqueles roubados da liberdade de existir pelos clientes que os rodeiam! Numa palavra, isto atravessa-os a todos, do mais elevado ao mais pequeno: um clama por assistência jurídica, outro vem ajudar; um está em julgamento, outro vem em sua defesa, e ainda outro vem julgá-lo a ele; ninguém se defende a si mesmo, todos se esgotam em benefício alheio. Pergunta a ti mesmo sobre aqueles cujos nomes são reconhecidos e repara que eles têm certas características: este dedica-se àquele, aquele dedica-se ao outro — ninguém trata de si mesmo. Ainda assim, certos indivíduos mostram a mais extraordinária das indignações: criticam a vaidade dos superiores quando eles não lhes garantem uma audiência certa. Mas como pode alguém criticar a vaidade de outros não tendo tempo para si mesmo? Estes, que, por muito mais condescendentes que sejam, se dignaram a olhar na tua direção, a ouvir o que tens a dizer, e tornaram possível caminhar a seu lado. Mas tu nunca te dignaste a olhar-te no espelho e a estar atento ao que tu próprio realmente precisas. Portanto, não há razão para que estas obrigações sejam impostas seja a quem

for, quando, na verdade, não necessitas que estejam presentes, és apenas incapaz de estar a sós contigo.

Mesmo que todas as mentes mais brilhantes que já viveram viessem a refletir sobre esta questão, jamais seriam capazes de se fingir surpreendidas perante esta névoa que paira sobre a mente humana. O ser humano jamais deixaria que alguém se apoderasse das suas propriedades, e se existir a menor disputa sobre qualquer dos respetivos limites, é inevitável uma corrida às armas; ao mesmo tempo, deixamos que outros se aproximem e que por uma qualquer razão tirem proveito das nossas próprias vidas. Somos incapazes de partilhar os nossos bens; mas quantos partilham a sua vida de livre vontade! No que toca à propriedade privada, levamos uma vida frugal; mas desperdiçamos tempo, o único objeto que justificaria a avareza humana. Por conseguinte, gostaria de pegar em alguém de uma geração com mais anos e de dizer: «Estás no fim da vida humana; estás perto do teu centésimo aniversário, ou talvez de mais: por favor, contempla a tua vida até agora. Pensa em quanto do teu tempo foi ocupado por agiotas, quanto foi ocupado por amantes, em discussões com a tua bem-amada, quanto foi gasto a castigar os teus servos, a correr pela cidade de festa em festa. Considera também todas as mazelas que nos autoinfligimos e o tempo não aproveitado. Aperceber-te-ás de que viveste menos anos do que pensas. Recorda-te de quando é que realmente tiveste um objetivo firme; quão poucos dias correram como tinhas planeado; quando é que alguma vez estiveste à tua própria disposição; quando é que a tua expressão facial alguma vez foi sincera; quando é que não tiveste a consciência pesada; que projeto foste capaz de completar na tua longa vida; quantos sabotaram a tua vida enquanto não estavas ciente da tua perda; quanto é que perdeste em tristezas sem fundamento, em alegrias desregradas, em ávidos desejos, nas tentações da sociedade; quanto sobrou

do teu próprio tempo. Chegarás à conclusão de que estás a morrer prematuramente.»

Mas qual a razão? Vivemos como que destinados a viver para sempre; nunca nos ocorre a nossa própria fragilidade; não nos damos conta do tempo que passa, mas gastamo-lo como se tivéssemos provisões infinitas — no entanto, o dia em que decides dedicar-te a alguém ou a alguma coisa pode ser o teu último. Agimos como mortais perante tudo o que tememos e como imortais perante tudo o que cobiçamos. Ouvirás a muitos dizer: «Quando fizer cinquenta, vou aproveitar o meu devido descanso; quando fizer sessenta, abdicarei dos meus deveres públicos.» E que garantia terão de uma vida tão longa? Quem permitirá que tudo corra como previsto? Não sentes o vexame de ficar só com as sobras daquilo que foi a tua vida e de somente investir na sabedoria o tempo que não é votado ao negócio. É tarde para começar a viver quando a vida acaba de chegar ao fim! É pouco sensato esquecermo-nos da nossa condição de mortais e adiar planos para quando se atingir os cinquenta ou os sessenta anos de idade, planeando começar onde poucos chegaram!

Os mais poderosos e destacados na nossa sociedade fazem às vezes certas observações nas quais confessam ansiar por descanso, louvam-no, e têm-no num valor mais alto do que qualquer um dos seus próprios bens. Por vezes, anseiam por descer dos pináculos da sociedade, se assim o conseguirem fazer em segurança; pois, mesmo sem intervenção externa, uma grande fortuna desmorona-se por si só.

O divino Augusto, a quem os deuses tanto concederam, nunca deixou de procurar repouso e abrigo de qualquer assunto público. Tudo o que ele alguma vez disse revertia sempre para este assunto — a esperança de um dia se retirar. Augusto esquecia-se das suas obrigações consolando-se com a ideia,

doce mas falsa, de que um dia viveria para se satisfazer a si mesmo. Numa carta que escrevera ao Senado, depois de prometer que o seu repouso não seria nada menos do que digno e que não contrastaria com as suas anteriores glórias, dou de caras com estas palavras: «É mais importante fazer do que prometer. Porém, visto que esta encantadora realidade ainda está longe do meu alcance, o meu desejo por mais tempo levou-me a antecipar parte do seu encanto pelo prazer que se apresentou através de palavras.» Tão valioso era o descanso para ele, que, não podendo aproveitá-lo de verdade, o fazia mentalmente. Ele que se apercebera de que tudo dependia dele e só dele, que se encarregava das fortunas de indivíduos e de nações, quando pensava no dia em que deixaria toda a sua grandeza para trás, era quando se sentia mais feliz. Augusto sabia por experiência própria quanto suor lhe tinham custado os bens espalhados por todas aquelas terras, quantas ansiedades por lá se escondiam. Foi primeiro forçado a lutar contra os compatriotas, depois, contra os companheiros, e finalmente, contra aqueles que lhe eram chegados, derramando sangue por terra e mar. Levado a lutar na Macedónia, Sicília, Egito, Síria, Ásia — por quase todo o império —, manobrando os seus exércitos, fartos da mortandade entre romanos, contra inimigos de diferentes nações. Enquanto estabelecia a paz nos Alpes, tentando dominar o inimigo que surgira no meio do seu império ordeiro; enquanto expandia as suas fronteiras para lá do Reno, do Eufrates e do Danúbio; em Roma — Murena, Cepião, Lépido, Egnácio e outros afiavam as espadas em oposição a Augusto. Ainda não tinha ele conseguido escapar a estes ataques quando a própria filha, e tantos outros membros da jovem nobreza que lhe eram devotos por meio de adultério, continuava a atormentar a já avançada idade que era a sua, tal como Iúlo e ainda outra formidável mulher com laços a

António. Augusto cortou todo este mal pela raiz, mas outros cresceram no seu lugar: como quando um corpo produz sangue em demasia e fica em permanente perigo de sangrar. Por isso desejava repouso, e a ideia de que esse dia viesse a chegar aliviava o peso das suas tarefas: este era o maior desejo daquele que podia realizar os desejos da humanidade.

Marcus Cícero, lançado entre homens como Catilina e Claúdio, Pompeu e Crasso — uns, inimigos declarados, outros, amigos duvidosos —, quando envolto na tempestade que atingiu a república, tentou manter-se à tona enquanto tudo se desmoronava; mas, por fim, acabou também por ser arrastado. Ele não prosperava em paz, nem era paciente frente à adversidade. Quantas vezes se virou contra o seu consulado. Consulado que Cícero louvava sem limites, mas sempre com boa razão! Que lastimáveis palavras usa num escrito a Ático depois de derrotar o velho Pompeu, cujo filho tentava ainda recompor as forças das derrotas em Espanha. «Quereis saber», disse ele, «o que faço aqui? Sou um homem metade livre no meio do meu poder de Toscano.» Depois vem a lamentar o que passou da sua vida, a queixar-se do presente e a desesperar com o futuro. Cícero disse ser parte prisioneiro, mas, na realidade, um verdadeiro sábio nunca vai tão longe a ponto de usar termo tão odioso. Ele nunca será em parte prisioneiro de nada, se aproveitar a liberdade como dono de si mesmo, elevando-se acima de qualquer outro. O que pode estar acima daquele que está acima da fortuna?

Lívio Druso, um homem de coragem, que propôs leis que revigoravam a política perversa dos Gracos, era apoiado por uma grande multidão vinda de toda a Itália. Mas não conseguia ser bem-sucedido nestas medidas, que, logo iniciadas, nunca vinham a ser realizadas nem podiam ser abandonadas. Diz-se que Druso amaldiçoava a vida turbulenta que sempre teve e que

nunca teria tido tempo livre ou descanso, mesmo durante a sua infância. Na adolescência, aventurou-se a representar certos réus em foros à frente de juízes, para ganhar o favor dos tribunais, e com efeito tal, como tão bem sabemos, que conseguia alcançar sentenças favoráveis para os seus clientes. Até onde não iria ambição tão precoce? Poder-se-ia adivinhar que esta coragem tão prematura traria problemas terríveis, tanto em público como em privado. Por esta razão, já era tarde para lamentar a falta de repouso, visto que desde muito cedo já teria sido um desestabilizador nos foros. Não é certo que Druso tenha morrido pelas próprias mãos, pois teria sucumbido a um golpe na virilha. Apesar das dúvidas em relação às circunstâncias da sua morte, ninguém negou que tivesse sido oportuna.

Seria escusado mencionar outros, que, ainda parecendo os mais felizes dos mortais, manifestaram o ódio que tinham pelas suas próprias vidas. Ainda assim, com tanto reclamar, nunca mudaram ninguém, nem a si mesmos, visto que, depois do ódio pronunciado, tudo o que sentiam voltava ao habitual.

Pelas vossas ricas vidas, seguramente que elas, mesmo que se estendam por milénios, serão decididas pela mais pequena das margens: os vícios ocuparão toda a medida de espaço temporal. O tempo que realmente vos pertence — e que o bom senso pode vir a prolongar, mas que é naturalmente curto — acaba por, inevitavelmente, escapar, e, sem tentativas para agarrá-lo ou fazê-lo parar, deixais escapar a mais fugidia das coisas, como se de algo supérfluo e recuperável se tratasse.

Os piores transgressores são aqueles que dedicam o seu tempo à bebida e aos prazeres carnais, pois estas são as piores ofensas. Os que se apegam a falsas glórias, sofrem, ao menos, de respeitáveis devaneios. Podes enumerar qualquer quantidade de homens avarentos ou com uma predisposição para a violência, que espalham o ódio e a guerra. Eles, porém, pecam com

virilidade. São aqueles que se entregam à gula e aos prazeres carnais os que acabam manchados pela desonra. Presta atenção à maneira como passam o tempo, quanto gastam em volta das suas posses, quanto é passado a armadilhar o caminho dos outros ou a proteger-se de emboscadas. Quanto tempo gastam a adorar ou a ser adorados, quanto passam em tribunais ou em banquetes (que doravante são considerados assuntos oficiais). Observa como toda a sua atividade, quer a benévola quer a perversa, os tolhe de tempo para respirar.

Finalmente, considera-se que um homem com a mente severamente ocupada não tem disposição para levar a cabo certas tarefas. Ele nunca virá a ser verdadeiramente eloquente ou a perseguir os estudos liberais, porque a mente, quando distraída, nunca apreende algo de forma profunda e acaba por rejeitar tudo o que lhe é ensinado. Viver é a última preocupação do homem ocupado, é também o que há de mais difícil para aprender. Existem, nas outras artes, instrutores que ensinam por toda a parte: e, de facto, em algumas destas artes podemos observar crianças com mestria tal que elas mesmas já partilham conhecimento. Mas aprender a viver leva uma vida inteira, e, decerto para teu espanto, leva uma vida inteira para que aprendamos a morrer. Tantos dos mais aclamados homens puseram de parte tudo o que lhes preocupava na vida, renunciando a riquezas, oportunidades e prazer, para que, até ao fim dos seus dias, viessem a descobrir como se vive. Porém, muitos deles confessaram, no leito de morte, que ainda não sabiam como. Muito menos, então, todos aqueles de quem já aqui falei. Acredita quando te digo que um grande homem, alguém que está acima do erro humano, não deixa desperdiçar o tempo: vive a mais longa vida possível simplesmente porque dedica a si mesmo todo o tempo que tem à disposição. Nenhum momento é deixado por cultivar ou negligenciado, nenhum sob o controlo de

alguém; por ser tão frugal, acaba por nunca encontrar algo que valha o seu tempo. Para ele, o tempo é mais do que suficiente; porém, aqueles sob ataque constante por levarem uma vida pública acabam por viver inevitavelmente pouco.

Não podes também pensar que tais pessoas não dão pela perda que sofrem. De facto, cruzar-te-ás com aqueles que sentem o fardo do sucesso, por vezes, em lamúrias diante de hordas de clientes, de súplicas em julgamentos ou de tantas outras digníssimas misérias. «É impossível viver!» Mas é claro que é impossível. Os que te chamam para ao pé deles, afastam-te de ti. Quantos dias já foram roubados por réus? Ou por candidatos? Ou por aquela velha senhora cansada de enterrar os seus herdeiros? Ou por aquele que finge a doença para provocar a ganância dos que lhe cobiçam a herança? Ou por aquele amigo que se mantém por perto, não por amizade, mas para te poder exibir? Dá um passo atrás, digo-te, e reflete sobre os dias que passaram durante a tua vida: verás que muito poucos — as inúteis sobras — foram mesmo teus. Aquele que alcançou o posto que cobiçava, anseia por largá-lo, repetindo vezes sem conta: «Este ano nunca acaba?» Outro promove espetáculos, que tanto queria ter a sorte de promover, e, agora que o faz, diz: «Quando me livrarei deles?» Ou o advogado, que enche o fórum com multidões de tamanho tal que é impossível fazer-se ouvir por todos, mas que diz: «Quando virão a minhas férias?» Todos eles se apressam pela vida, perturbados pela ânsia de futuro e pelo tédio do presente. Mas aquele que se devota a si mesmo, que organiza todos os dias como se fossem o último, não anseia nem teme o dia seguinte. Na verdade, que novos prazeres podem as horas de um novo dia trazer-lhe? Tudo já foi tentado e aproveitado ao máximo. O que resta, o Destino desfaz a seu bel-prazer: a vida já foi assegurada. Nada lhe pode ser tirado nesta vida, podendo apenas acrescentar-se, como

quando se oferece comida a alguém que se sente saciado, mas que ainda aguenta comer mais. Não se pode, portanto, pensar que alguém viveu muito só porque tem cabelos brancos e rugas: não viveu muito, somente existiu muito. Suponho que penses que um homem fez uma longa viagem só porque foi apanhado numa violenta tempestade, pouco depois de embarcar, empurrado de lá para cá, forçado a dar voltas ao sabor do vento. Não foi a viagem que foi longa, mas sim o tempo em que foi arrastado.

Fico surpreendido ao reparar que alguns exigem o tempo de outros e mesmo assim são atendidos com complacência. Ambos sabem porque foi pedido e nenhum tem consideração pelo tempo em si — como se nada estivesse a ser solicitado e nada fosse dado em troca. Desprezam a comodidade mais valiosa que a vida tem para dar, enganosamente posta de parte por ser intangível, impossível de avaliar, e por isso, de baixo valor — na verdade, quase sem valor algum. O ser humano fica satisfeito ao receber pensões e gratificações, pelas quais vende o seu trabalho, serviços e preocupações. Mas ninguém dá valor ao tempo: o Homem usa-o paulatinamente como se nada valesse. No entanto, quando doentes, imploram aos médicos, e, quando perante a pena de morte, não hesitam em gastar todos os seus bens para se manterem vivos. Tanta é a inconsistência nos sentimentos. Mas se pudéssemos contar o tempo que nos falta tal como conseguimos ver o tempo que já passou, quão alarmados ficariam aqueles com poucos anos de vida e quão cuidadosamente iriam gastá-los. Mesmo assim, é fácil gerir um espaço de tempo fixo. Mais escrupulosamente tem de ser manuseado o tempo que não se sabe quando termina.

Não podes também pensar que tal gente não sabe o enorme valor do tempo. É comum dizer-se, àqueles a quem se é

particularmente chegado, que se está pronto a oferecer-se-lhes parte o seu próprio tempo. E de facto dá-se-lhes sem dar conta, mas assim se faz de maneira que o percam, sem que se acrescente nada ao tempo de outros. Mas, na verdade, não se sabe que se está a perder. Por isso mesmo se consegue suportar a perda de algo que é impercetível. Ninguém trará de volta os anos, ninguém fará regressar aquilo que se foi. A vida seguirá o caminho que começou a percorrer, sem voltar atrás nem reverter caminho. Não incomodará ninguém com a sua rapidez e passará despercebida. Não se oferece ao comando de nenhum rei ou para proteger qualquer povo. Tal como começou, assim continuará, silenciosamente, sem parar. Qual o resultado? Andámos ocupados enquanto a vida se adiantou. Enquanto isso, a morte aproxima-se e, querendo ou não querendo, terás de te pôr ao dispor.

Pode haver alguém mais imbecil do que aquele que se gaba da prudência? Mantêm-se oficiosamente ocupados a tentar melhorar a vida; passam o tempo a organizar o tempo. Fazem planos a longo prazo; porém, adiar fazer é o maior desperdício de todos: consome dia após dia, nega-nos o presente ao prometer o futuro. O maior obstáculo na vida é a esperança, que se empoleira no amanhã e deixa fugir o agora. Tentam manipular o que está nas mãos do Destino e abandonam o que sempre esteve nas suas. Para onde olhas? Porque te esforças? O futuro é incerto: vive! Ouve o nosso maior poeta, que com eloquência divina declama versos tão proveitosos:

O melhor dia de um infeliz mortal
É sempre o primeiro a fugir.

«Porque esperas?», diz. «Porque estás parado? Se não o agarras primeiro, fugirá.» E mesmo que o agarres, vai continuar a fugir. Por isso, combate a rapidez do tempo com a velocidade com que o usas, bebe depressa, como se de uma corrente de

água, que nem sempre fluirá, se tratasse. Ao condenar também as demoras sem fim, o poeta trata não de uma «melhor idade», mas de um «melhor dia». Por mais ávido que sejas, qual o motivo da tua despreocupação e lentidão (enquanto o tempo voa), juntando os meses aos anos numa longa sequência? O poeta (Virgílio) fala-te do dia — este mesmo dia que te escapa. Haverá dúvidas, então, de que para os mortais desafortunados, isto é, os ocupados, o tempo foge sempre antes de mais nada? São ultrapassados pela velhice enquanto ainda mentalmente infantis, mal preparados e desarmados. Porque não se prepararam, tropeçaram nela sem perceberem que se aproximava, pouco a pouco, todos os dias. Tal como quando viajantes, distraídos por uma conversa, leitura ou profunda meditação, chegam ao destino sem se darem conta do caminho, também a vida passa, vertiginosamente rápida e imparável, por nós, estejamos de pé ou deitados. Os ocupados só se dão conta quando tudo acaba.

Quisesse dividir a minha tese em diferentes pontos, conseguiria ainda pensar em vários argumentos que provassem que a vida de um ocupado é deveras curta. Mas Fabiano, que não era um filósofo académico, mas um dos antigos e genuínos, dizia que devemos atacar as nossas paixões com força, não com subtileza; as linhas inimigas devem ser conquistadas com um grande avanço, não com pequenos ataques surpresa; os vícios devem ser esmagados, não beliscados. Porém, para que se mostre aos visados os erros que cometeram, devem ser ensinados, não ignorados.

A vida é dividida em três partes: passado, presente e futuro. Destas, o presente é curto, o futuro é duvidoso e o passado é certo. O Destino não tem poder sobre o último, no que já vivemos não se pode mexer. Mas é isto que os atarefados perdem, porque não têm tempo para olhar para o passado. Mesmo que o

tivessem, nunca é agradável relembrar as ações das quais nos envergonhamos. Desta forma, ficam relutantes em lembrar-se do tempo malgasto, e não se atrevem a reviver as memórias, se os seus vícios nelas se tornarem óbvios — até aqueles vícios que se disfarçaram de momentos de prazer. Ninguém se vira para o passado de livre vontade, só quem passou pela própria censura, a que nunca se engana. Os que temem o passado são os que foram ambiciosos na ganância, arrogantes no desprezo, incontroláveis nas vitórias, traiçoeiros nas fraudes, vorazes nos saques e desavergonhados no esbanjar. Ainda assim, o passado é o período da nossa vida mais sagrado e dedicado, além de qualquer risco, e distante das garras do destino, ele que não pode ser perturbado por desejos, medos e doenças. Não pode ser alterado ou roubado, fica em nosso poder, eterno e inalterável. No presente, só temos um dia de cada vez. Mas todos os dias do passado estão à nossa disposição: podes chamá-los e interrogá-los quando quiseres — algo que os inquietos não têm tempo para fazer. Só uma mente tranquila e livre de preocupações é capaz de percorrer todas as fases da vida: a mente de um preocupado, como que presa a um jugo, e como se fosse um jogo, não consegue dar a volta nem virar-se para trás. Assim, a sua vida cai no abismo; tal como quando deitas água num recipiente sem fundo, não interessa quanto tempo nos é dado se não existe nenhum lugar que o acomode, ele escapa pelas fendas e buracos da mente. O presente é curtíssimo, muitos nem estão cientes de quanto, a ponto de o acharem inexistente. Porque está sempre em movimento, a fluir sempre com pressa de chegar, e não sofre mais de atrasos do que as estrelas no firmamento, cujo movimento contínuo nunca faz pausas. E, assim, só os preocupados se apoquentam com o presente, tão curto que é impossível que o

agarrem, e mesmo isto lhes é roubado enquanto se veem envolvidos em inúmeras distrações.

Queres saber porque é que eles vivem pouco? Observa como estão ansiosos por viver muito. A gente frágil pede mais alguns anos; finge-se mais nova do que é; encontra alento na mentira e engana-se a si mesma como se tivesse conseguido enganar o Destino. Mas quando, por fim, uma doença os lembra da sua mortalidade, morrem aterrorizados, como se a vida não estivesse a terminar, mas sim a ser roubada. Exclamam que foram tolos por não ter vivido e que, se recuperarem, viverão em descanso. Depois refletem sobre como foi inútil adquirir coisas de que jamais iriam desfrutar, e sobre como todo o trabalho foi em vão. Mas para os que estão livres de preocupações, a vida é seguramente mais longa. Nada dela é desperdiçado, nada é espalhado por aqui ou por ali, nada é dado à sorte, nada é perdido por descuido ou por desapego, nada é supérfluo: toda ela, por assim dizer, é bem aproveitada. Portanto, não importa quão curta, foi suficiente. Quando chegar o fim dos seus dias, aquele que é sábio não hesitará em encarar a morte.

Queres saber a quem chamo preocupado? Não penses que apenas falo dos que fogem da justiça quando os cães de guarda lhes são atiçados; ou dos que são esmagados pela multidão que os segue ou, de forma desprezível, pela multidão atraída por outros; ou dos que são obrigados a sair de casa e a bater de porta em porta em nome dos compromissos sociais; ou dos que pela lança do pretor se ocupam de tarefas infames que um dia se virarão contra eles. Há gente que vive preocupada mesmo quando em repouso: em casas de campo, no leito, no meio da solidão. Mesmo quando totalmente sozinhos, são a pior companhia que podem ter. Não vivem descansados, mas com preocupações persistentes. Poderás, por acaso, dizer que alguém vive descansado, se perde tempo a arranjar com

precisão os bronzes coríntios, cujo preço é inflacionado pela extravagância de alguns colecionadores, e passa a maior parte do dia com pedaços de ferrugem? Quem passa o tempo num ginásio (que vergonha! Sofremos de vícios que nem romanos são) a observar, entusiasticamente, lutas entre rapazes? Quem ordena os rebanhos por idade e cor? Quem patrocina os mais jovens atletas? Mais uma vez, chamas descansados aos que passam horas no barbeiro só para aparar aquilo que cresceu da noite para o dia, para ter uma séria discussão sobre cada fio de cabelo, para manter no sítio os caracóis ou para pentear os mais finos por cima da testa? Quão irados ficam se o barbeiro se descuida por um pouco — como se estivesse a aparar uma pessoa a sério! Como se enfurecem, se parte da grande cabeleira que possuem ficar mal cortada, mal penteada ou se não formar cachos perfeitos! Quantos não preferem ver cair a República em vez do cabelo? Quantos se preocupam em preservar a elegância da própria cabeça mais do que preservar a própria saúde? Quantos não preferem um bom corte de cabelo à honra? Chamas descansados aos que dividem o tempo entre o pente e o espelho? E aos que se ocupam a compor, a ouvir ou a aprender música, a distorcer as próprias vozes com modelações muito pouco naturais, quando a natureza decidiu que o melhor e mais simples timbre era de entoação reta e linear; aos que estalam os dedos ao som de uma batida imaginária; aos que se fazem ouvir cantarolar mesmo quando perante assuntos sérios ou por vezes tristes? Isto não é repouso, mas ocupação indolente. E, por Hércules, quanto aos seus banquetes, não diria que sejam tempos de lazer, pela maneira como ordenam inquietantemente os talheres de prata ou como cuidadosamente ajeitam as túnicas dos jovens serviçais, quão ansiosos ficam por saber como o cozinheiro tratou do javali ou com que velocidade os escravos correm de um lado para o outro, com

que perícia foram cortadas as aves e se o foram nas porções certas, ou quão levemente os pequenos escravos limpam o vómito de cima dos bêbados. Por estes meios, é cultivada uma reputação de elegância e bom gosto, e os fracassos seguem-nos para todos os recantos da sua vida privada, de tal maneira que não conseguem beber ou comer sem ostentação.

Não contaria também como em bom descanso os que são transportados em carruagens e liteiras, e que estão sempre a horas para passeios como se fosse proibido faltar; os que têm de ser mandados para tomar banho, nadar ou comer: que estão amolecidos pelo torpor de uma mente tão débil que não conseguem confiar nos próprios sentidos para saber se têm fome. Chegou aos meus ouvidos que uma destas pessoas mais delicadas — se delicado for a palavra certa para descrever aquilo que se desaprende dos hábitos comuns da vida humana —, quando transportada para fora do banho e posta na sua cadeira, perguntou: «Já estou sentado?» Pensas que esta gente, que não sabe sequer se está sentada, se sabe sequer viva, que vê ou que ainda está em repouso? É difícil dizer se tenho mais pena deles por não o saberem de verdade ou por fingirem que não sabiam. Realmente, esquecem-se de muito, mas também fingem esquecer. Deleitam-se com certos vícios e usam-nos como provas de felicidade: pois até parece que é de valor abjeto saber-se o que fazer. Vê agora se podes acusar os comediantes de inventar detalhes para ridicularizar o luxo! Na verdade, por Hércules, eles são ultrapassados por mais do que aquilo que poderiam inventar. O número de vícios é tão extenso e prevalente nesta geração — o que demonstra talento pelo menos nesta área — que podíamos até acusar os comediantes de negligência. Dá que pensar, quando existe alguém tão perdido no luxo que tem de confiar noutro para lhe dizer se está sentado! Portanto, ele não é um bom exemplo de descanso ou repouso, e por isso

precisa de outra denominação — está doente, ou melhor, morto: os que realmente descansam estão cientes disso mesmo. Aquele que está apenas vivo em parte, precisa que lhe digam em que posição está o próprio corpo — como pode ter ele controlo sobre o próprio tempo?

Seria entediante referir todos os que passaram a vida a jogar às damas ou à bola, ou a tomar banhos de Sol. Os prazeres que carecem de um sério compromisso não dão descanso. Por exemplo, ninguém duvida de que os que se dedicam aos estudos inúteis da literatura muito se cansam sem fazer nada: até entre os Romanos já são uma legião. Era um vício dos Gregos querer saber quantos remos tinha o barco de Ulisses, se a *Ilíada* ou a *Odisseia* tinha sido escrita primeiro, e se eram do mesmo autor, ou outras questões parecidas que, se as guardares para ti, não aumentam de todo o teu próprio conhecimento, e se as publicares irão fazer de ti alguém aborrecido em vez de um estudioso. Agora também os Romanos sofrem deste entusiasmo sem propósito em busca de conhecimentos inúteis. Recentemente, ouvi circular a informação de que um general romano terá feito em primeiro lugar isto em vez daquilo: Duílio ganhou a primeira batalha naval; Cúrio Dentato foi o primeiro a utilizar elefantes numa vitória. Até agora, estes factos, mesmo que não contribuam para glórias reais, representam ao menos serviços exemplares a favor do império: tal conhecimento não nos traz nada, mas interessa-nos devido ao encanto que temos por factos sem sentido. Também podemos excluir os que investigam quem foi o primeiro a levar os Romanos a navegar. Esse foi Claúdio, que por esta razão foi apelidado de Caudex. Uma vez que, na Antiguidade, chamava-se *caudex* a um conjunto de várias tábuas de madeira. Daí o nome *codices* dado às tábuas da lei. Ainda hoje, os barcos que transportam mercadorias pelo rio Tibre são chamados pelo nome antiquado *codicariae*.

Sem dúvida, é também importante saber que Valério Corvino foi o primeiro a conquistar Messana, e que teria sido o primeiro da família Valerii a ser apelidado de Messana, por ter conquistado a cidade do mesmo nome — e que a maneira de escrever e dizer foi gradualmente corrompida para Messala. Talvez deixes que alguns levem a sério saberem que Lúcio Sula teria sido o primeiro a exibir leões à solta no Circo, que antes estavam sempre acorrentados, e que soldados armados de lanças teriam sido enviados pelo rei Boco para os matar. Também poderia desculpar-se — mas que propósito serve? — saber que Pompeu teria sido o primeiro a organizar, nas arenas, uma luta entre dezoito elefantes e homens condenados, para simular uma batalha. Um líder, de uma aparente gentileza notável, pensou que seria memorável matar seres humanos de novas e talentosas maneiras. «Vão lutar até à morte? Não é suficiente. Vão ser despedaçados? Não chega. Eles que sejam esmagados pelos animais mais possantes.» Seria melhor que todos estes factos fossem esquecidos, para que no futuro ninguém numa posição de poder pudesse sentir inveja de tais barbaridades. Trevas tamanhas a fortuna faz crescer nas nossas mentes! Ele pensava estar para além das leis da natureza, na altura em que atirava multidões de miseráveis às feras, lançava as criaturas mais exóticas umas contra as outras e derramava desmesuradas quantidades de sangue à frente do povo romano, quando em breve seriam eles forçados a derramá-lo. Mais tarde, Pompeu seria também vítima da traição alexandrina, quando apunhalado por um mero escravo, apercebendo-se assim da vanglória do cognome que ostentava.

Mas, para voltar ao ponto de onde me desviei e para ilustrar como alguns se esforçam, em vão, sempre em volta dos mesmos assuntos, o erudito a quem me referia dizia também que Metelo, depois de triunfar sobre os Cartagineses na Sicília, foi

o único entre todos os Romanos a ter cento e vinte elefantes à frente da carruagem e que Sula foi o último dos Romanos a prolongar o pomério, que era um costume antigo depois de conquistar territórios em Itália, mas nunca depois de conquistas nas províncias. Será útil saber que o monte Aventino, assegurava ele, se situa fora dos limites do pomério por uma de duas razões: porque a plebe se teria refugiado lá ou porque, quando Remo colheu augúrios, o voo das aves não lhe pareceu favorável — ou tantas outras teorias, que são falsas ou muito próximas da mentira? Mesmo que digas que eles possam ter dito tudo isto de boa-fé, mesmo que garantam a veracidade destas afirmações, a quem serão desculpados os erros? Quem conterá paixões? Quem se tornará mais livre, mais justo, mais nobre? O nosso caro Fabiano costumava, por vezes, perguntar a si mesmo se era de facto melhor não nos envolvermos em pesquisas ou acabar emaranhados nelas.

De toda a gente, só aqueles que se dedicam à filosofia estão realmente descansados, só eles vivem de verdade. Não só pelo controlo que têm sobre o tempo em que se inserem, mas porque lhe juntam toda a eternidade. Todo o tempo que passou é acrescentado ao deles. A menos que sejamos muito ingratos, todos aqueles que fundaram diferentes crenças e filosofias nasceram para nos servir e para nos preparar caminhos que possamos seguir na vida. Pelo trabalho pesado de outros, são-nos trazidos conhecimentos das trevas para a luz. Não somos excluídos de nenhuma era, é-nos dado acesso a qualquer uma delas; e se estivermos dispostos a enfrentar qualquer fraqueza da mente humana, haverá longos períodos de tempo pelos quais poderemos navegar. Podemos discutir com Sócrates, duvidar de Carnéades, negociar a paz com Epicuro, ultrapassar a natureza humana com os estoicos e exceder-lhes os limites com os cínicos. Já que a natureza nos permite entrar em parceria com

qualquer era, porque não esquecer este breve espaço de tempo e lançarmo-nos por completo ao passado, que é infinito, sem limites, e que pode ser partilhado com gente melhor do que nós?

Os que se precipitam nos deveres sociais, que incomodam tanto os outros como a si mesmos, quando acabam as devidas rondas, depois de infringir todos os limites pessoais e entrar em todas as portas abertas, depois de passearem cumprimentos interesseiros até às casas mais remotas, quão pouco terão visto eles numa cidade tão vasta e tão distraída por tão variados desejos? Quantos não haverá cujo sono, ruína ou descortesia os afastam? Quantos, depois de serem torturados por longas esperas, são ignorados pelos que fingem estar apressados? Quantos não evitarão atravessar corredores repletos dos que dependem deles e escapar por portas secretas — como se fosse mais cortês enganar do que excluir? Quantos, ainda a dormitar ou vagarosos por terem estado a beber a noite toda, têm de ser relembrados mil vezes para saudar os que interromperam o sono ao virem acordá-los, e fazem-no com um bocejo insolente, mal abrindo os lábios!

Podes afirmar que os que querem passar os dias na companhia de Zenão, Pitágoras, Demócrito, todos grandes sacerdotes dos estudos liberais, e Aristóteles e Teofrasto, são os que se dedicam às tarefas mais verdadeiras. Nenhum deles estará demasiado ocupado para te receber, nenhum deles te deixará mais feliz ou fará que te devotes mais, nenhum deles deixará que alguém saia de mãos a abanar. Eles vivem dentro de todos, quer de noite quer de dia.

Nenhum deles te forçará a morrer, mas ensinar-te-á como se morre. Nenhum fará com que os teus anos se esvaiam, mas todos adicionarão os deles aos teus. Com nenhum a conversa será perigosa, nem fatal a amizade ou dispendiosa a presença.

Podes tirar deles o que quiseres: não será culpa deles se não conseguires tirar o suficiente. Que felicidade, que maravilhosa velhice aguarda os que se fizeram seus clientes! Terão amigos a quem poderão pedir conselhos sobre a mais importante ou a mais banal das coisas, a quem poderão consultar diariamente sobre si mesmos, amigos que lhes dirão a verdade sem os insultar e que os elogiarão sem lisonja, que lhes oferecerão padrões pelos quais se podem guiar.

Temos o hábito de dizer que não está em nosso poder escolher os pais que nos calharam, que nos foram dados ao acaso. Porém, podemos escolher de quem somos filhos. Existem famílias de intelectos nobres: escolhe aquela pela qual queres ser adotado, e não herdarás só o nome, mas também todos os bens dela. Bens que não terás de guardar miseravelmente: eles crescerão à medida que forem partilhados e guiar-te-ão à imortalidade, a alturas onde ninguém jamais foi rebaixado. Esta é a única maneira de prolongar a mortalidade — até que se converta em imortalidade. Honras, monumentos, o que quer que seja que os ambiciosos tenham decretado ou construído, hão de, cedo ou tarde, cair: não existe nada que o passar do tempo não remova ou destrua. Mas as obras que a filosofia consagrou jamais serão feridas: a idade não as aniquilará nem as diminuirá. As próximas eras irão sempre aumentar a veneração por elas, visto que a inveja só tem olhos para o que está próximo, e nós podemos observar com mais clareza o que está distante. Por isso, a vida de filósofo estende-se largamente: ele não fica confinado aos mesmos limites que os outros. Só ele está livre das leis que limitam a natureza humana, e todas as eras o servem como se fosse um deus. Se passou algum tempo: ele relembra. Se o tempo é o presente: ele usa-o. Se o tempo ainda há de vir: ele antecipa-o. A combinação de todos os tempos proporciona-lhe a mais longa das vidas.

Mas a vida é curta e inquieta de mais para quem se esquece do passado, negligencia o presente e teme o futuro. Quando chegam ao fim da vida, os pobres coitados apercebem-se, tarde de mais, que passaram todo este tempo preocupados a fazer nada. O facto de às vezes invocarem a morte é prova de que a vida para eles parece longa. A loucura que os aflige com desassossegos lança-os àquilo que mais temem: frequentemente anseiam pela morte justamente porque a temem. Nem os dias parecerem-lhes longos é prova de que vivem muito, ou quando se queixam de que o tempo passa devagar até à chegada da hora do jantar. Quando as preocupações lhes falham, ficam inconsoláveis sem nada para fazer, sem saber de como se livrarão do descanso ou como fazer o tempo passar mais rápido. Ficam na ânsia de encontrar qualquer outra coisa para fazer e todo o tempo que sobra é cansativo: na verdade, é como quando uma luta entre gladiadores é anunciada, ou quando se espera por qualquer outro dia de eventos ou diversões — eles querem saltar os dias intermédios. Qualquer adiamento de um dia há muito esperado é um aborrecimento para eles. No entanto, o tempo realmente dedicado ao prazer é breve e rápido, e feito muito mais curto por sua própria culpa. Porque correm de um prazer para o outro e não se concentram num só desejo. Os seus dias não são longos, são odiosos: quão curtas parecem as noites que passam a beber ou a dormir em camas alheias! Daí a loucura dos poetas, que encorajam a fragilidade humana com histórias de Júpiter, que, seduzido pelos prazeres do amor, redobrou o curso da noite. Para que serve citar os deuses, senão para inflamar os nossos vícios e, como precedente dos nossos falhanços, oferecer — e desculpar — a devassidão deles? Poderão as noites a que se devotam tanto ser demasiado curtas para esta gente? Perdem o dia à espera da noite e perdem a noite por temor da alvorada.

Até os prazeres deles são inquietos, os vários medos deixam-nos ansiosos e, mesmo no pico do regozijo, as preocupações ocupam-lhes as mentes: «Quanto vai durar?» Este sentimento já fez reis lamentar o poder, que se deixavam desencantar pelas riquezas que possuíam, pois temiam delas o inevitável fim. Quando o mais arrogante rei da Pérsia (Xerxes) movimentava, através das vastas planícies, exércitos tão grandes que tinham de ser medidos, pois eram impossíveis de contar, chorou, pois sabia que, passados cem anos, nenhum dos jovens guerreiros estaria vivo. Mas ele, que tanto chorava, seria o que acabaria por trazer a morte à porta de todos eles. Destruiria alguns em alto-mar, outros em terra, uns em batalhas, outros enquanto fugiam, e em pouco tempo acabaria com todos aqueles que em cem anos temia que desaparecessem.

E qual a razão por terem receio até das próprias alegrias? É porque não têm por base causas firmes, e porque o vazio de onde nascem os deixa agitados. E como pensas que serão estes tempos, que eles mesmos amaldiçoam, onde até as alegrias pelas quais se elevam acima da humanidade se tornam corruptas? Todas as maiores bênçãos criam ansiedade, e na fortuna nunca se pode confiar. Para preservar a prosperidade, precisamos de mais prosperidade, e para dar apoio às nossas preces que acabaram por resultar, precisamos de mais preces. Tudo o que vem até nós por sorte é instável, e quanto mais cresce, mais é provável que caia. Além disso, o que está destinado a falhar não traz prazer a ninguém. Assim, é inevitável que a vida não só seja muito curta, mas também miserável para os que a adquirem com esforço e a tentam preservar com ainda mais. Trabalhosamente alcançam o que desejam; ansiosamente possuem o que alcançaram; e, entretanto, não prestam atenção ao tempo que nunca mais voltará. Novas preocupações tomam o lugar das antigas, esperanças incitam mais esperanças,

e ambições, mais ambições. Não procuram um fim para a sua miséria, simplesmente mudam a causa. Dizemos que os nossos cargos públicos são uma tormenta, enquanto passamos mais tempo ocupados com os dos outros. Deixamos de nos apresentar como candidatos e voltamos a ser seguidores. Desistimos de acusar e começamos a julgar. Uns deixam de ser juízes para ser nomeados pretores. Envelheceram enquanto administravam as riquezas alheias, para depois gastar o tempo que lhes resta a cuidar das deles. Mário deixou para trás a guerra para acabar na azáfama do consulado. Cincinato apressa-se para que a sua ditadura chegue ao fim, para depois voltar ao arado. Cipião lutará contra os Cartagineses antes de ter experiência para executar tamanha tarefa; vitorioso contra Aníbal, vitorioso contra Antíoco, orgulho do consulado e garantia do irmão, iria para o lado de Júpiter se não tivesse intervindo pessoalmente. Mas o salvador do império será perseguido pelas guerras civis. Quando jovem, honravam-no como a um deus, e na velhice deliciar-se-á num exílio ostentoso. Vai sempre haver razões para a ansiedade, quer devido à prosperidade, quer à miséria. A vida será lançada numa sucessão de preocupações: cobiçaremos sempre o descanso, mas nunca o aproveitaremos.

Assim, meu caro Paulino, distancia-te da multidão, e como já foste lançado na tempestade mais vezes do que alguém na tua idade merece, precisas de encontrar, por fim, um porto de abrigo onde possas descansar. Pensa em quantas ondas encontraste, quantos temporais — alguns que mantiveste em privado, outros que acarretaste em público. As tuas virtudes já foram testadas que baste nos tempos em que te esforçavas por ser um modelo da indústria ativa: tenta agora ver como elas se darão em repouso. A maior parte da tua vida, certamente a melhor parte, foi dedicada ao império: tira para ti também um pedaço do teu próprio tempo. Não te estou a convidar a que fiques

parado ou a uma preguiça sem sentido, ou a que gastes toda a tua energia a dormir e nos comuns prazeres das massas. Isso não é estar descansado. Quando te retirares e estiveres a desfrutar de paz de espírito, descobrirás tarefas mais importantes do que as que exerceste tão energicamente até agora. Administras as contas do mundo tão honestamente como administras as contas de um estranho, tão cuidadosamente como administras as tuas ou tão conscienciosamente como farias com as do Estado. És estimado num cargo no qual é difícil escapar ao ódio; todavia, acredita em mim, é melhor conhecer os cálculos da própria vida do que os dos mercados de trigo. Recorda-te da tua mente perspicaz, que é tão competente a tratar dos maiores temas, a prestar um serviço de tal honra, mas que raramente se adapta a uma vida feliz, e lembra-te de que quando, na tua tenra idade, te dedicaste aos estudos liberais, esse não era o teu plano — que deixassem a teu cargo milhares de alqueires de trigo; tinhas decerto esperanças de algo mais grandioso e imponente. Haverá sempre gente de dignidade comprovada e meticulosa nas tarefas que desempenham. Porém, os bois estão mais aptos a acarretar pesos do que um cavalo de pura raça, e quem já lhes dificultou a ligeireza com mercadoria pesada? Além disso, a quantas preocupações te submetes com tamanho fardo; negoceias com o estômago humano. Um esfomeado não ouve a razão, nem fica satisfeito com a justiça, nem é coagido por súplicas. Muito recentemente, dias depois da morte de Caio César — diz-se que se preocupava (se é que os mortos sentem alguma coisa), pois sabia que o povo romano ainda sobrevivia e que lhe restava comida suficiente para sete ou oito dias. Enquanto construía pontes de barcos e se divertia com os recursos do império, éramos ameaçados com o pior dos males que podem vir a afligir qualquer um, até mesmo quando sitiados — a falta de mantimentos; a imitação que fez de um rei louco, estrangeiro

e tristemente orgulhoso quase espalhou a destruição e a fome pela cidade, e quase provocou a revolução que se segue à fome. O que sentiram então os que se encarregavam do mercado de trigo, que tiveram de enfrentar pedras, tochas e espadas — e um Calígula? Pelo maior dos subterfúgios, ocultaram o grande mal que se escondia no próprio Estado — e com boa razão, podes ter a certeza. Certas maleitas têm de ser tratadas sem que o paciente perceba que as tem; saber da doença já causou a morte a muitos.

Retira-te para algo mais calmo, seguro e melhor! Pensas que são a mesma coisa, transportar o trigo até ao celeiro, incólume da desonestidade ou da negligência dos que o transportam, sem que apanhe humidade ou fermente, que o peso e medida cheguem certos, e debruçares-te nestes sagrados e elevados estudos com o intuito de descobrires que substância, que prazer, que modo de vida, que forma tem Deus; que destino espera a tua alma; onde nos deixa a Natureza quando escapamos do nosso corpo; por que razão junta ela a massa mais pesada no centro deste mundo, suspende a luz lá em cima, eleva o fogo, guia as estrelas nas suas trajetórias e muitas outras maravilhas inesquecíveis? Deixa o chão e volta aos estudos! Agora, enquanto o sangue ferve, viremo-nos com alegria para um caminho melhor. Neste tipo de vida espera-nos muito que seria bom aprender — o amor e o praticar das virtudes, o esquecer das paixões, o conhecimento de viver e morrer, e uma vida de descanso profundo. A condição dos preocupados é miserável, mas mais miserável é a condição dos que estão absortos em tarefas alheias, que regulam o próprio sono pelo sono dos outros, que alteram o próprio passo pelo andar dos outros, que seguem ordens mesmo quando toca às mais livres das coisas — amar e odiar. Se eles quiserem saber quão curta a sua vida

realmente é, deixa que reflitam sobre quão pequena é a parte da vida que realmente lhes pertence.

Assim, quando vires uma toga, quando vires que nomes são famosos no fórum, não os invejes; o preço de tais coisas é a vida. Eles vão desperdiçar os anos todos, para que possam ter um deles. Alguns foram abandonados pela vida logo nas primeiras etapas, antes de chegarem ao topo de todas as ambições; uns, que depois de terem superado mil indignidades para atingir a honra, são apanhados pelo pensamento infeliz de que trabalharam só para uma inscrição numa lápide; alguns atingem uma velhice extrema com planos para ela como se da juventude se tratasse, só para sucumbirem à fraqueza no meio dos maiores e descarados esforços. Vergonhosos são os que, apesar da idade avançada, perdem o fôlego a defender litigantes desconhecidos e a tentar ganhar o favor de um auditório de ignorantes; infames são os que mais depressa se cansam pelo modo de vida que levam do que pelo pesar das próprias tarefas, e por isso colapsam enquanto trabalham; desgraçados são os que morrem enquanto lhes pagam e sempre sob o sorriso esperançoso de um herdeiro. Não posso esquecer esta situação que me ocorre. Sexto Turânio era um velho homem de diligência há muito testada que, depois do nonagésimo aniversário, após ter sido dispensado dos seus cargos por Caio César, ordenou que o deitassem numa cama e que toda a família ficasse de luto como se ele de facto tivesse morrido. E assim o choraram como tinha pedido, e não pararam até que o cargo lhe fosse restituído. A que ponto será prazeroso morrer ocupado? Porém, muitos sentem o mesmo; desejam que o trabalho dure mais do que a habilidade para o fazer; lutam contra a decadência do próprio corpo, dizem que a velhice é séria só porque os põe de parte. Por lei, nenhum soldado pode ser recrutado depois dos cinquenta

anos e nenhum senador pode ser convocado depois dos sessenta; obtêm mais dificilmente o descanso de si mesmos do que da lei. Entretanto, enquanto roubam e são roubados, enquanto quebram o descanso uns dos outros, enquanto se fazem mutuamente infelizes, a vida não tem propósito, não dá prazer, segue sem qualquer tipo de aperfeiçoamento. Ninguém tem em mente a morte, todos esperam o inalcançável; alguns preparam-se para o que poderá vir para além da vida — gigantescos túmulos e dedicatórias por serviços prestados, oferendas para as piras funerárias e enterros ostentosos. Mas, na verdade, tais funerais deveriam ser conduzidos à luz de tochas e de velas, como se eles tivessem vivido o mais curto dos tempos.